

A ESCOLA COMO TERRITÓRIO DE RESSIGNIFICAÇÃO NA EJA

Mariana Gaia Cazassa Festa ¹
Taís Araújo ²

RESUMO

Este relato de experiência apresenta a atuação de uma estagiária no CIEJA Paulo Emílio Vanzolini, no centro de São Paulo, vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da CAPES. A vivência, fundamentada em referenciais como a pedagogia freireana e a educação popular, evidencia a escola como território de acolhimento e reconstrução de identidades para sujeitos historicamente excluídos do sistema educacional. A metodologia consistiu em observação participante e registro de campo durante a mediação pedagógica em turmas da Educação de Jovens e Adultos. A prática docente, neste contexto, exige postura pautada na escuta, na mediação e no respeito às trajetórias de vida de pessoas que tiveram sua formação escolar interrompida. A heterogeneidade do público — imigrantes, pessoas trans, trabalhadores precarizados e indivíduos em situação de rua — impõe desafios à mediação pedagógica, demandando uma atuação enraizada na ética do cuidado e da presença. Observou-se que a evasão dos estudantes está relacionada à ausência de instituições semelhantes em bairros periféricos e aos altos custos de deslocamento; e não ao desinteresse. Entre os principais resultados, destaca-se o fortalecimento do vínculo entre escola e comunidade, a ampliação da participação discente em atividades integradoras e o engajamento em políticas públicas intersetoriais, como o Programa Transcidadania e o Programa Operação Trabalho (POT). Projetos pedagógicos como “LEJÁ”, “Portas Abertas: Português para Imigrantes” e ações voltadas à saúde mental revelam a centralidade do cuidado emocional para a permanência dos estudantes. Dessa forma, o CIEJA se consolida não apenas como espaço de acesso ao conhecimento formal, mas como ambiente de pertencimento, que promove dignidade, cidadania e transformação social.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, PIBID, Alfabetização, Vulnerabilidade, Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

A atuação no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no CIEJA Paulo Emílio Vanzolini, no bairro do Cambuci em São Paulo, se baseia na premissa de que a escola é um espaço de (re)significação das subjetividades. Em um cenário onde a Educação de Jovens e

1 Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade de São Paulo - USP, mariana.festa@usp.br;

2 Docente do Curso de Pedagogia da Universidade de São Paulo - USP, tais.araujo@usp.br





Adultos (EJA) se depara com sujeitos historicamente excluídos do sistema educacional, a prática docente nessa modalidade exige uma ruptura com os modelos tradicionais de autoridade, priorizando a escuta, a mediação e a valorização das ricas histórias de vida dos estudantes. A presente pesquisa, portanto, se aprofunda na compreensão da instituição como um território de acolhimento e reconstrução de identidades, operando como um espaço-tempo de pertencimento, escuta e produção de sentidos para um público notavelmente diverso. A presença, no CIEJA Cambuci, de migrantes, pessoas trans, trabalhadores, pessoas com deficiência e em situação de saúde delicada, que em sua maioria são negros e de baixa renda, com trajetórias educacionais interrompidas, reflete um dado desconcertante que nos mostra um índice de 44% da população que não concluiu os estudos na Educação básica (Catelli Jr, 2024, p. 11).

Conforme Roberto Catelli Jr. (2024), o país mantém uma grande dívida social com a população jovem e adulta, e, segundo ele, a política pública de educação precisa deixar de colocar em lados opostos a educação de crianças e adolescentes e a de jovens e adultos. Nesse sentido, Maria Clara Di Pierro (2014) argumenta que a trajetória da EJA no Brasil é marcada por campanhas de alfabetização, mas que as expectativas de um reposicionamento da modalidade na agenda das políticas educacionais foram frustradas. Além disso, a pesquisadora destaca como exemplo de como o financiamento pode restringir a oferta da modalidade da exclusão das matrículas da EJA dos cálculos do Fundef (Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental) entre 1997 e 2006 (Di Pierro, 2014).

A partir de 2006, esta situação foi amenizada pela criação do Fundeb (Fundo de Desenvolvimento e Manutenção da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação), que ampliou os recursos para a Educação Básica ao estruturar o financiamento de cada nível e modalidade educacional, incluindo a EJA. Porém, se mantém o desprezo da administração pública pela EJA perante as demais etapas da educação, pois, ao ser calculada a partir do número de matrículas, a verba destinada pelo Fundeb acaba sendo insuficiente para manter as salas de aulas abertas (Catelli Jr, 2024).

Frente a este quadro histórico de desvalorização da EJA e da constante ameaça à sua existência, o dado desconcertante que nos mostra um índice de 44% da população que não concluiu os estudos na Educação básica (Catelli Jr, 2024, p. 11) continua a exigir da Formação de professores a preocupação com as práticas pedagógicas do docente da EJA. Este trabalho se



justifica pela necessidade premente de refletir sobre o papel da escola frente às múltiplas vulnerabilidades sociais de seus estudantes, que incluem questões como transfobia, violências e o uso de substâncias. A pesquisa busca não apenas descrever a complexidade da sala de aula, marcada pela heterogeneidade, mas também analisar como a articulação com políticas públicas intersetoriais, como o Programa Operação Trabalho (POT) e o Programa Transcidadania, potencializa a escola como um espaço estratégico de promoção de direitos e reintegração social.

Cabe ressaltar que a falta de CIEJAs nos bairros periféricos de São Paulo, que gera uma profunda desigualdade de acesso à educação pública, é um fator crucial que enquadra e motiva a análise deste relato de experiência. Por conseguinte, o direito de estudar, que deveria ser universal, acaba se tornando um privilégio para quem pode arcar com os altos custos e o tempo da viagem, uma vez que a ausência do aluno muitas vezes esconde a falta de transporte ou a necessidade de mais tempo para o trabalho. Nesse sentido, o objetivo deste relato de experiência é analisar como a escola, por meio de suas práticas pedagógicas interculturais e sua articulação com programas sociais, se configura como um ambiente de promoção de direitos e reconstrução simbólica para os estudantes da EJA. Adicionalmente, busca-se compreender os desafios formativos impostos pela heterogeneidade do corpo discente, que exige dos educadores uma elevada capacidade de adaptação, sensibilidade e resistência emocional. A atuação em contextos de vulnerabilidade demanda o estabelecimento de vínculos baseados no diálogo aberto e no respeito à identidade, à cultura e à trajetória das comunidades atendidas. Por fim, esta pesquisa explora como a escola, ao valorizar o que os alunos já sabem e as experiências que carregam, transcende os conteúdos curriculares e promove cidadania, pertencimento e dignidade.

METODOLOGIA

O presente estudo, de natureza qualitativa, fundamenta-se na perspectiva da pesquisa-ação, uma vez que a coleta de dados e a reflexão analítica se deram por meio da atuação como residente do PIBID no CIEJA Paulo Emílio Vanzolini. Conforme defende Carlos Rodrigues Brandão (2008), a pesquisa-ação é uma prática de investigação social que se dá com a população, alinhando-se perfeitamente com a imersão da pesquisadora no cotidiano



da escola.

A abordagem metodológica adotada compreendeu a observação participante como principal técnica, permitindo a imersão no cotidiano da turma 2C, com aulas ministradas pela professora Adriana, e a compreensão das dinâmicas sociais e das práticas pedagógicas em seu contexto natural. A metodologia, ademais, seguiu os princípios da escuta, da mediação e da construção de vínculo emocional com os estudantes, elementos considerados essenciais para a prática docente na EJA. Nesse sentido, os dados empíricos foram sistematicamente compilados por meio de instrumentos variados, incluindo fichas de falas para apresentações em encontros acadêmicos, notas de campo detalhadas e registros das sondagens de escrita e matemática aplicadas aos alunos. Essas sondagens, em particular, foram ferramentas essenciais para documentar e analisar as hipóteses de escrita e os níveis de alfabetização, bem como as lacunas em leitura, escrita e raciocínio lógico. O processo de análise permitiu a construção de um relato detalhado das atividades e estratégias pedagógicas implementadas. As atividades desenvolvidas, tais como a semana de palestras sobre o alcoolismo e o café filosófico, serviram como contextos para a coleta de dados qualitativos por meio de relatos pessoais, *feedbacks* e debates. Por fim, a reflexão sobre a experiência vivenciada, a partir dos registros documentais e das notas de campo, permitiu a validação de que a prática pedagógica, em contextos de vulnerabilidade, deve se enraizar na ética do cuidado e da presença.

É importante notar que não há informações sobre a aprovação em comitês de ética em pesquisa ou sobre o direito de uso de imagens nos documentos, visto que o trabalho se configura como um relato de experiência e observação participante das dinâmicas do cotidiano escolar. A própria observação da turma revelou a perda de dois estudantes, Marcos e Rodrigo, que precisaram deixar o curso, o que também constitui um dado relevante para a compreensão do contexto de vulnerabilidade e permanência dos estudantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

O presente relato de experiência se fundamenta em um arcabouço teórico que concebe a escola para além de sua função meramente formal de transmissão de conhecimento. Nessa perspectiva, a atuação docente na Educação de Jovens e Adultos (EJA) exige, invariavelmente, uma ruptura com os modelos pedagógicos tradicionais, simbolizados na metáfora da "educação bancária" (Freire, 1996), uma vez que os estudantes, com suas





trajetórias frequentemente interrompidas, carregam uma riqueza de saberes e experiências que devem ser valorizados e integrados ao processo de aprendizagem, ou seja não são uma “tábula rasa” a ser preenchida.

Em consonância com a pedagogia de Paulo Freire (1996), a EJA pode ser concebida como uma educação libertadora, na qual os educandos não são vistos como meros recipientes de informação, mas como sujeitos ativos e protagonistas de seu próprio processo formativo. A relação pedagógica, nesse sentido, se estabelece em um vínculo pautado no diálogo genuíno e no respeito, que Freire (1996) destaca como condição essencial para a prática educativa. O educador, portanto, rejeita o autoritarismo e se aproxima da realidade dos alunos, construindo o saber a partir de seus conhecimentos prévios e de sua vivência cotidiana.

Em consonância a esta perspectiva, a escola, no contexto específico do CIEJA Paulo Emílio Vanzolini, é compreendida como um "território simbólico e afetivo". Essa concepção dialoga diretamente com as reflexões de Milton Santos (2006, p. 245), para quem o território não se restringe a uma dimensão física ou geográfica, mas se constitui como um espaço de práticas, significados e afetos, onde se manifestam as relações de poder e as identidades. Para os estudantes em situação de vulnerabilidade, o espaço escolar opera, assim, como um "espaço-tempo de pertencimento, escuta e produção de sentidos", que oferece uma "suspensão ainda que temporária das dinâmicas excludentes da vida urbana". Ao se reinscreverem socialmente com dignidade e agência, os sujeitos não apenas retomam seus percursos educacionais, como também reconstroem seus próprios sentidos de existência, fortalecendo a autoestima e a capacidade de se projetarem no mundo.

Ademais, este referencial incorpora a visão de que o acesso à educação para jovens e adultos é uma questão que transcende as barreiras do ambiente escolar, passando a ser indissociável de políticas urbanas e de mobilidade. Como argumenta Carlos Rodrigues Brandão (2008), a educação popular se dá na vida e com a vida, e a escola não pode ser vista como uma ilha, mas está conectada diretamente com a cidade e com a vida real dos alunos. A falta de CIEJAs em bairros periféricos e os altos custos de deslocamento, em suma, reforçam a profunda desigualdade de acesso à educação pública, perpetuando-a como um privilégio. Por isso, é fundamental pontuar que a ausência do aluno, muitas vezes, não se deve ao desinteresse, mas sim a barreiras concretas como a falta de transporte, o tempo necessário para o trabalho ou a ausência de segurança no trajeto, fatores que a escola, por si só, não





consegue resolver, mas precisa considerar em sua prática.

Por fim, a reflexão se aprofunda na dimensão do "cuidado", um tema central que emerge da experiência docente no CIEJA. A literatura sobre a educação infantil, como o texto de Thereza Montenegro (2013), aborda a cisão entre o "cuidar" (relacionado à assistência) e o "educar" (associado ao pedagógico). Podemos compreender que também na experiência da EJA o conflito destas duas dimensões se impõe na medida em que a educação de adolescentes e adultos que não completaram a escolarização historicamente foi considerada atribuição de políticas de assistência social.

No entanto, a prática docente no CIEJA Paulo Emílio Vanzolini demonstra que essas dimensões são inseparáveis e que o cuidado, conforme argumenta Montenegro, não é meramente assistencial, pois possui componentes morais, cognitivos e afetivos, que se traduzem em uma "ética do cuidado e da presença". A prática pedagógica em contextos de vulnerabilidade, que envolvem transfobia, violências e uso de substâncias, demanda o estabelecimento de vínculos baseados no diálogo e no respeito, valorizando o cuidado emocional e a singularidade de cada estudante que carrega as marcas da exclusão social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência vivenciada no CIEJA Paulo Emílio Vanzolini permitiu a sistematização dos resultados em categorias analíticas que, por sua vez, refletem a complexidade do contexto e a inovação das práticas pedagógicas ali observadas. Os achados empíricos, em sua totalidade, demonstram a centralidade da escola como um espaço de reconstrução simbólica e social, indo muito além da mera transmissão de conteúdos curriculares e, dessa forma, reafirmando a escola como um território de pertencimento e dignidade para seus alunos. Nesse sentido, a nossa atuação na Educação de Jovens e Adultos (EJA) exige uma postura constante de escuta, mediação e, sobretudo, uma ruptura com os modelos tradicionais de autoridade.

Em consequência, os resultados da nossa análise indicam que a relação com os estudantes, construída na base da empatia e do respeito às suas trajetórias de vida, é um diferencial crucial para a permanência e o aprendizado. Essa troca, de fato, vai além dos limites da sala de aula, uma vez que se baseia em um vínculo afetivo forte. No entanto,





embora essencial, essa relação demanda um preparo significativo da docente, que precisa encontrar um equilíbrio delicado entre a entrega emocional e o autocuidado, principalmente ao lidar com as histórias de vida tão complexas e desafiadoras de seus alunos.

Os dados empíricos, de maneira clara e contundente, revelam que a educação de jovens e adultos enfrenta desafios que se iniciam muito antes de o aluno chegar à escola. A localização do CIEJA no Cambuci e a notável falta de unidades em bairros periféricos de São Paulo geram uma profunda desigualdade de acesso. Por isso, o direito de estudar, que deveria ser universal, acaba se transformando em um privilégio para aqueles que podem arcar com os altos custos e o tempo gasto no deslocamento. Muitas vezes, a ausência de um aluno na sala de aula não traduz desinteresse, mas sim, a dura realidade da falta de transporte, a necessidade de mais tempo para o trabalho ou a ausência de segurança no trajeto. Assim, este achado ressalta a premente necessidade de políticas urbanas e de mobilidade que tornem a escola acessível a todos, evidenciando, de maneira inequívoca, que a escola não é uma ilha, mas está intrinsecamente conectada com a vida real dos alunos.

A sistematização dos dados, por sua vez, evidencia o potencial transformador de projetos integradores para atender à heterogeneidade do público. O projeto LEJÁ, por exemplo, promove o letramento crítico por meio da leitura de diversos gêneros textuais, como crônicas e HQs, o que estimula o debate e a ressignificação das identidades. Em paralelo, o projeto "Portas Abertas: Português para Imigrantes" busca garantir a permanência de estudantes imigrantes e refugiados, utilizando práticas interculturais que incluem o uso de imagens, vídeos legendados, objetos concretos e mediações bilíngues. A implementação de ações voltadas à saúde mental, baseadas no ODS 3 (assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades), demonstra o reconhecimento da centralidade do cuidado emocional para os sujeitos que carregam múltiplas marcas de exclusão social, com atividades como rodas de conversa, produção de cartazes, exibição de filmes e articulação com serviços externos como CAPS e Alcoólicos Anônimos. Além disso, a articulação com políticas públicas como o Programa Operação Trabalho (POT) e o Transcidadania fortalece a escola como um espaço de promoção e efetivação de direitos. As assembleias escolares, por sua vez, funcionam como instâncias democráticas em que estudantes e equipe pedagógica, de forma conjunta, definem os rumos dos projetos.

É fundamental reconhecer que a heterogeneidade é a marca estrutural do CIEJA. Nesse



cenário, imigrantes em processo de alfabetização convivem lado a lado com brasileiros que enfrentam lacunas profundas na leitura e escrita, como foi demonstrado de forma explícita nas sondagens. No caso da matemática, a sondagem revelou as dificuldades de uma aluna que apresentava um analfabetismo funcional e não conseguia interpretar problemas sobre datas ou sobre o cálculo do número de pés de cadeiras, precisando de auxílio constante e recorrendo ao método de contagem com "palitinhos". Tal diversidade, evidentemente, impõe desafios no atendimento individualizado, exigindo da educadora uma elevada capacidade de adaptação, sensibilidade e, acima de tudo, resistência emocional. A atuação em contextos de vulnerabilidade, que incluem a exposição a questões como transfobia, violências e uso de substâncias, demanda o estabelecimento de vínculos baseados no diálogo genuíno e no respeito incondicional. E, como se não bastasse, nesse cenário, a escassez de recursos financeiros agrava ainda mais a exclusão social, limitando o acesso a serviços essenciais. A estagiária, por fim, pode inclusive enfrentar desafios adicionais, como a exposição a comportamentos agressivos e relatos de experiências de vida impactantes, o que, por consequência, pode provocar sentimentos de medo, estresse e insegurança

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato de experiência, ao analisar a atuação no CIEJA Paulo Emílio Vanzolini, reafirma a escola como um espaço de reconstrução simbólica e social. As principais conclusões demonstram que, ao reconhecer as subjetividades e trajetórias de seus estudantes, a instituição transcende a mera transmissão de conteúdos curriculares e, com isso, promove a cidadania, o pertencimento e a dignidade. O modelo pedagógico adotado, pautado na escuta, mediação e na ruptura com modelos de autoridade, prova ser fundamental para o acolhimento de um público que carrega múltiplas marcas da exclusão social. A articulação do CIEJA com políticas públicas intersetoriais, a exemplo do Programa Transcidadania e do Programa Operação Trabalho (POT), potencializa a escola como um espaço estratégico para a efetivação de direitos e a reintegração social.

A experiência no CIEJA Paulo Emílio Vanzolini demonstra a superação da histórica polarização entre as funções de educar e cuidar, que muitas vezes marca a trajetória da educação em diferentes contextos. A escola, ao integrar de forma intencional essas dimensões,





configura-se como um modelo que reconhece o cuidado não apenas como assistência, mas como um componente moral e afetivo essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes.

Entretanto, as análises revelam que a vulnerabilidade dos estudantes não se restringe ao ambiente escolar, sendo agravada por questões externas como a falta de políticas urbanas e de mobilidade que garantam o acesso pleno à educação. A experiência aponta, portanto, para a necessidade de novas pesquisas que investiguem a relação entre a falta de infraestrutura e a evasão escolar na EJA, bem como a efetividade de outras políticas públicas no apoio a esse segmento populacional. A prática pedagógica, em face da heterogeneidade e da complexidade da sala de aula, exige da educadora uma constante busca por adaptação, sensibilidade e resistência emocional. O desgaste docente, mencionado nas falas, é um desafio real que merece maior atenção da comunidade acadêmica, abrindo um campo de investigação sobre a formação e o autocuidado da professora que atua em contextos de alta vulnerabilidade.

A perspectiva deste trabalho reside em sua aplicabilidade para a comunidade científica, fornecendo um modelo de atuação docente que prioriza a ética do cuidado e da presença em contextos desafiadores. O CIEJA se apresenta, assim, como um laboratório social, onde a educação é compreendida de forma ampliada, servindo de inspiração para que outras instituições de ensino da EJA possam também se tornar territórios de acolhimento e ressignificação

AGRADECIMENTOS

À professora Taís Araújo, pela parceria essencial neste projeto. Sua contribuição enriqueceu de maneira significativa o processo de aprendizagem e ampliou a qualidade desta experiência.

Aos meus pais, pelo alicerce de valores que sustentam meu percurso e por cultivarem em mim o apreço pelo conhecimento e pela empatia.

Ao corpo docente do CIEJA Paulo Emílio Vanzolini, pelo profissionalismo exemplar e pela receptividade que tornaram este trabalho possível em um ambiente de confiança e respeito.





REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. 31. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CATELLI JR., Roberto. **Educação de jovens e adultos: das concepções à sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2024.

DI PIERRO, Maria Clara. **Impacto da inclusão da educação de jovens e adultos no fundo de manutenção e desenvolvimento da educação básica (Fundeb) no estado de São Paulo**. In: CATELLI JR., Roberto; HADDAD, Sérgio; RIBEIRO, Vera Masagão (Orgs.). *A EJA em xeque: Desafios das políticas de Educação de Jovens e Adultos no século XXI*. São Paulo: Global/Ação Educativa, 2014, p. 39-76.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MONTENEGRO, Thereza. **Educação infantil: a dimensão moral da função de cuidar**. *Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 20, p. 77-101, 1. sem. 2005.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos; 1).

